

# Quadro crônico

Lucas Arroxelas

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

# Até

Parto, não por capricho ou enfado, no entanto, parto. Parto, pois tenho que partir. Assim, se vou, é exclusivamente porque preciso ir. Do mesmo modo, se isso anuncio, faço apenas pela necessidade íntima de fazer, prolongando essas linhas como quem prolonga o inevitável fim.

Contra a minha vontade e, talvez, até contra a tua, chegamos a esse ponto incontornável, inimaginável há alguns anos. Em face da notícia de nossa separação, ficarão espantados; eu, triste e envergonhado, terei que dar explicações, “é a vida...”

Enquanto o instante derradeiro se prenuncia, miro-te não mais com os olhos de antes, mas com os que se sabem longe amanhã. E cada olhar que lanço é com o intuito de apreender esse momento em que ainda nos encontramos juntos e o levar pela eternidade. Com dor – e somente com dor – é que me integro nesta cerimônia do adeus.

Agora, tudo parece estar tomado de saudade. Quando te percorro, assoma-me um sabor agridoce, responsável pela sede de alongar cada segundo que nos resta. O que toco, com a vista ou com os dedos, parece-me cortejar dando conta da despedida. Nesta antessala, longa e breve, tudo se mostra como última vez.

Sem te olvidar, vou embora. Distante, sei que seguirei cativo de ti, guardando-te no peito e na memória. Entretanto, vou com a certeza de que, sob o peso da tua lembrança ou o clamor dos teus desejos, não tardarei em regressar, de maneira definitiva ou nas tentativas episódicas de suprir tua ausência.

Em outras paragens, estarei, inevitavelmente, em braços distintos dos teus; sem, contudo, o enlaço que nos prende, esse que me faz lutar contra a incontestada verdade do divórcio. Diante de mim, nunca me questione por onde andei, apenas pergunte por quem bate o meu coração, e minha resposta sempre será “você”.

Deixo-te aqui, no lugar em que estivestes por toda a vida e onde não mais poderei permanecer. Porém, carrego-te comigo, não pela mão, mas em cada partícula do meu ser. Afinal, é de ti que surjo, em teu seio que me formo e nele que almejo fenecer.

Desse modo, minha amada cidade, minha querida João Pessoa, despeço-me de ti; com um aceno suspenso pela esperança de que essa ida se transforme em curta estada, um interregno até o retorno do filho à casa, do amante à amada.

## Ai de ti, Recife

Em crônica de 1958, Rubem Braga trazia a apocalíptica imagem de Copacabana sendo tomada pelo oceano. Em um misto de ameaça e desconsolo, predizia o dia em que a famosa Princesinha do Mar restaria sob águas, quando “qual escuro alfanje a nadadeira de imensos cações passará do lado de tuas antenas de televisão”.

No entanto, antes da profecia do velho Braga se cumprir, foi outro local que se viu submerso. Agora, não um bairro e sua orla, mas toda uma região metropolitana; não no Rio de Janeiro, mas em Pernambuco. Diferentemente do conjecturado episódio carioca, a água veio de cima, pintando o quadro diante do qual, com pesar, todos suspiram: *Ai de ti, Recife*.

Aulas suspensas, vias alagadas, trânsito parado, pessoas em casa. Nos últimos dias, a tradicional movimentação da capital pernambucana perdeu espaço, mas não para a calma-ria, esta não encontrou lugar no cenário advindo. No pleno gozo dos seus confortos domiciliares, alguns tiveram apenas

o cotidiano natural interrompido; muitos, porém, viram suas vidas de ponta-cabeça ou até carregadas pelas torrentes.

A Veneza Brasileira tem sido a dos canais transbordados, das residências inundadas e dos deslizamentos de terra. Seus moradores, ao invés de passear em gôndolas como na colega italiana, precisam evacuar seus lares e ser salvos por vizinhos usando cordas.

Na televisão, além dos números chocantes (mais de 100 mortes e 9 mil desabrigados), vemos os diversos casos, histórias narradas pelas vítimas ou sobre elas, pessoas que perderam tudo, inclusive os seus. Aos que escaparam desses dissabores, sobra o medo perante a possibilidade de ser o próximo, basta o cair das primeiras gotas.

Saio às ruas, pontos de arrecadação se espalham pelo bairro, formam-se grupos de voluntários; nas conversas, há sempre algum conhecido por quem se lamentar ou a referência a um familiar sob seu abrigo; governantes enunciam promessas e pesares. A consternação tomou o estado.

Contudo, o que se presenciou em Pernambuco teve tudo de uma tragédia anunciada. As chuvas foram fortes e a cidade apresenta grande quantidade de cursos fluviais, é verdade. Entretanto, situações do tipo (embora em menor proporção) são velhas conhecidas de Recife, assim como a grande pobreza e a moradia precária são. Se a tempestade caiu no teto de todos, apenas a população pobre enfrentou, de fato, uma catástrofe; não sendo ontem que parte dela foi obrigada a se instalar em encostas de morro e margens de rios.

A água que caiu dos céus e, na terra, transformou-se em lama não limpou os pecados do mundo. A chuva não igualou ninguém, pelo contrário, deixou clara a desigualdade. Acontece que a natureza é incapaz de resolver problemas sociais, fazer isso cabe aos humanos. De braços cruzados, outras tantas vezes teremos de suspirar: *Ai de ti, Recife.*

# Ode aos velhos da praça

Tão comuns quanto invisíveis, os velhos da praça constituem e negam o mundo urbano. Em todas as cidades e em todos os bairros, eles estão presentes. Representam uma peça tradicional do cenário e, ao mesmo tempo, indivíduos dotados de uma aura quase imperceptível. Seres de luz que as trevas do cotidiano não nos permitem enxergar.

Com passos morosos e o caminhar lento, direcionam-se para o lugar de seu refúgio. Todavia, não há hora certa para isso, o compromisso com a praça prescinde de agenda. Desse modo, manhã, tarde ou noite, vagueiam pelas ruas rumo aos bancos que irão os acolher. Sujeitos anônimos que, nesse local, descobrem a sua casa e o lar de sua alma.

Nos seus trajes, o conforto pesa mais do que a aparência. Longe das amarras dos padrões estéticos, vemo-los pelas calçadas com seus chinelos, calça de tecido e camisa aberta no peito. Por vezes, um boné cobre os cabelos brancos; porém, é o hábito que os leva à cabeça, não a vaidade, que entre eles

não faz morada. Fora de qualquer preocupação, vestem-se dessa maneira porque costumam se vestir assim e porque suas vestimentas cumprem a função que lhes cabe, vestir.

O relógio ausente dos pulsos denota que as horas, minutos e segundos não têm relevo para os ditos senhores. Todos os instantes são iguais, todo o tempo é hoje. O agora se prolonga em uma constante cujo fim não surge no horizonte, apesar de sua existência ser bem conhecida.

Na praça, assentam seu reinado. Dispostos na sombra, jogam dominó ou conversa fora. Outros, sozinhos por natureza ou à espera de um companheiro, apenas assistem à cidade que passa. Ali, estanciam-se sem objetivos últimos ou motivos exteriores, estão pelo simples fato de estar.

Enquanto repousam na janela urbana, consomem seus últimos dias sem sentir a aproximação do momento derradeiro. Tendo a morte no encalço, vivem sem pressa, como se aquela não bafejasse no seu pescoço. Dessa forma, sem o lúgubre sopro, dilatam a experiência da vida. Na praça, encontram a eternidade terrena, o paraíso urbano.

De outra janela, a do ônibus que corre na avenida, vejo os velhos da praça. Engomado e me dirigindo para uma reunião qualquer, observo e invejo aquela forma de estar no mundo. Invejo porque nutro uma profunda admiração por esses tipos ignorados e extraordinários. Em meio ao trânsito e à correria cotidiana, invejo e louvo os velhos da praça.



# Um rio, uma ponte e sua gente

Atravessando a Avenida Caxangá, a caminho da UFRPE, passo por três elementos que saltam aos olhos dos recém-chegados à cidade: rio, ponte e extrema pobreza. Sim, a capital de Pernambuco conjuga grande beleza, enorme riqueza cultural e a mais profunda miséria humana.

No canteiro central daquele trecho, ergue-se um busto do ditador Castelo Branco (em homenagem a quem a construção foi batizada), uma horrível carranca com que temos que cruzar cotidianamente. Embaixo, corre o Capibaribe – belo, exuberante e forte –, indo ao encontro do mar; chegará à Boa Vista e ao Recife Antigo, com seus prédios históricos, monumentos e mais pontes.

Antes, porém, o cão sem plumas passa pelo dito lugar, por onde também circula meu coletivo e inúmeras pessoas todos os dias. Ali – formando uma imagem tão distante da apresentada nos cartões postais e, ao mesmo tempo, tão recifense –, encontram-se tênues habitações, que mal chegam a se erigir como casas.

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2023.

---